

do incômodo das imagens à inquietação do pensamento

márcio alves da fonseca*

Em que medida o pensamento, para inquietar-se, precisa ser incomodado? Em relação a inúmeras filosofias talvez fosse possível afirmar, sem muito equívoco, que o pensamento, para inquietar-se, quase sempre precisa ser incomodado, ou ainda, que quanto mais o pensamento for incomodado, tanto mais poderá vir a inquietar-se. Neste sentido, uma interrogação acerca da relação entre a inquietação do pensamento e alguma forma de incômodo que estaria em sua causa ou origem pode ser interessante.

Por uma razão bastante precisa, certamente pode-se referir à filosofia de Michel Foucault a fim de se explorar um pouco esta idéia. A razão não é outra senão o fato desta filosofia constituir-se em um esforço contínuo de “problematização”. Com efeito, a relação entre alguma forma de incômodo e a inquietação do pensa-

* Professor no Departamento de Filosofia da PUC/SP. Autor de *Michel Foucault e a constituição do sujeito* (EDUC, 1995) e *Michel Foucault e o Direito* (Max Limonad, 2002).

mento pode ser percebida de modo singular nos trabalhos do filósofo.

Não foram poucas as vezes em que Foucault referiu-se a este “modo de ser” de seu pensamento. Em uma entrevista concedida a François Ewald, em 1984, publicada em *Dits et Écrits* com o título “O cuidado da verdade”¹, dirá que a noção que serviu de forma comum aos estudos que realizou desde a *História da loucura* havia sido a noção de problematização: “problematização não quer dizer representação de um objeto preexistente, nem criação pelo discurso de um objeto que não existe. [Problematização] é o conjunto das práticas discursivas ou não-discursivas que faz com que algo entre no jogo do verdadeiro e do falso, jogo que o constitui [este algo] como objeto para o pensamento (seja sob a forma da reflexão moral, do conhecimento científico ou da análise política, etc.)”².

Neste sentido, problematizar é remeter algo — pensamento ou ato, noção ou situação, quer se refiram aos domínios da moral, do conhecimento científico ou da política — para o “jogo do verdadeiro e do falso”, é, portanto, desestabilizar, tirar do repouso, submeter a um movimento.

Também em 1984, em um debate com Dreyfus e Rabinow³, Foucault afirma que o trabalho do pensamento seria um trabalho de problematização e de perpétua reproblemática. E este esforço de reproblemática partiria do reconhecimento do princípio de que o homem é um ser pensante, sendo o pensamento não aquilo que nos faz acreditar no que pensamos ou admitir o que fazemos, e sim o que nos faz problematizar aquilo mesmo que somos. O trabalho do pensamento não seria denunciar o mal que habitaria secretamente em tudo o que existe, mas pressentir o perigo que nos ameaça em tudo

o que é habitual, [o trabalho do pensamento] é tornar problemático tudo o que é sólido⁴.

Assim, recusando as designações que normalmente lhe eram atribuídas (idealista ou niilista, anti-marxista ou neoconservador), Foucault identifica sua filosofia a uma certa atitude, “atitude que seria da ordem da problematização”⁵, entendida como a elaboração de domínios de fatos, práticas e pensamentos que permitem colocar problemas, questionar o que somos e pensamos, o modo como agimos e como nos entendemos, enfim, tudo aquilo que nos é habitual.

Deste modo, a filosofia como problematização remete incessantemente à inquietação do pensamento. Ela é da ordem da provisoriade das conclusões e não da estabilidade das certezas. Sua índole é arriscar-se, deslocar-se continuamente, tatear e experimentar, não admitindo descanso, não se ancorando em qualquer “porto-seguro”. É uma filosofia do pensamento inquieto.

E como não tender ao descanso? Como não procurar repouso em alguma certeza? Como manter o pensamento continuamente inquieto? Ao configurar-se como problematização, ao pretender construir-se como uma filosofia do pensamento inquieto, ela deve, de algum modo, incomodar e deixar-se incomodar. Ela deve saber incomodar para poder inquietar continuamente o pensamento.

Ora, a leitura atenta dos livros, dos cursos e dos outros escritos de Foucault revela um pensamento que, em não poucas vezes, incomoda. E o faz duplamente: incomoda tanto pelo conteúdo daquilo que diz, quanto pela forma segundo a qual diz o que diz. Talvez fosse até mais adequado afirmar que a filosofia de Foucault incomoda precisamente porque não comporta uma separa-

ção rigorosa entre “o que diz” e o “como diz”, em outras palavras, entre “conteúdo” e “forma”.

Ao referir-se ao “estilo” desta filosofia, Francesco Paolo Adorno⁶ faz menção a Paul Valéry, para quem a filosofia seria tanto um problema de conteúdos e de argumentações lógicas quanto um problema de forma, não havendo, assim, uma separação rigorosa entre estes dois aspectos do pensamento⁷.

Ora, nos diversos escritos de Foucault explicita-se uma implicação interessante entre forma e conteúdo do pensamento. Nestes escritos, não se trata de encontrar uma determinada forma que seria tão somente o “modo de apresentação” de uma idéia ou um conteúdo. Em Foucault, a forma não deve ser entendida como um mero modo pelo qual determinado conteúdo é expresso. Diferente disto, forma e conteúdo determinam-se essencialmente, ou seja, o conteúdo não seria o mesmo — seria outro — se a forma não fosse a mesma — se fosse outra — e inversamente.

É neste sentido que Michel de Certeau pode afirmar em seu texto *A Invenção do cotidiano*⁸, que um dos fundamentos da reflexão de Foucault está na forma tomada por seu pensamento, está na organização lingüística das imagens que o compõem. Certeau entende estar em jogo nos escritos de Foucault uma manipulação da linguagem que tem a tarefa estratégica de desestabilizar a posição lingüística do destinatário, seduzi-lo, fasciná-lo (...) ⁹. Talvez fosse possível acrescentarmos, incomodá-lo.

Considerando esta espécie de coincidência entre forma e conteúdo em Foucault e considerando a problematização — que supõe a permanente inquietação do pensamento — como o “modo de ser” de sua filosofia, pode-se pensar que uma das muitas possibilidades de

compreensão de seus escritos seja o estudo das imagens ali presentes e o incômodo que estas imagens pretendem provocar, incômodo que desestabiliza o pensamento, que o retira do repouso, que ameaça tudo que se lhe apresenta como certo.

Se esta hipótese faz sentido, a compreensão de um pensamento que pretende realizar um trabalho de constante problematização talvez dependa, em certa medida, da compreensão desta interessante relação entre o incômodo das imagens que aparecem em seus textos e a inquietação do pensamento que estas imagens provocam. Portanto, a consideração da série “incômodo das imagens” — “inquietação do pensamento” — “filosofia como problematização”, parece ser uma das possibilidades de compreensão do modo peculiar de se implicarem, no pensamento de Foucault, forma e conteúdo. Se ao constituir-se como problematização, a filosofia supõe a inquietação permanente do pensamento e se, em grande medida, o caminho para esta inquietação é a construção de imagens que incomodam, então o esforço em acompanhar algumas destas imagens, o esforço para apreender esta “forma” do pensamento de Foucault não será, na realidade, diferente do esforço para se entender o que este pensamento tem a dizer, ou seja, não será diferente do esforço para se apreender seu “conteúdo”.

Nesta medida, muitas destas imagens — imagens que desestabilizam e que provocam um deslocamento em relação àquilo que é habitual — podem ser lembradas. Retomemos, apenas a título de ilustração, algumas delas. Logo no início de *História da loucura*, por exemplo, Foucault faz a caracterização da Nau dos Loucos¹⁰. Reportando-se a composições literárias de naves romanescas e satíricas inspiradas no ciclo dos argonautas, Foucault descreve estas naus, que teriam conhecido

uma existência real, como sendo embarcações que transportavam sua “carga insana” de uma cidade para outra. Esta figura da nau é explorada em todo seu significado simbólico e prático. Ela remete à posição do louco no limiar do mundo medieval e renascentista, ao seu estado de “prisioneiro-livre” — ele aparece ali como passageiro por excelência, como “prisioneiro da passagem” —, remete também à longa história das ligações entre loucura e falha moral, que terão na água um elemento de purificação ou de cura. Esta curiosa figuração reporta-nos a uma percepção em que loucura e razão, de certo modo, coexistem, dialogam, percepção da loucura bastante diferente da clássica e da moderna.

Em *História da loucura* as imagens incômodas se multiplicam, inquietando continuamente o pensamento. No final do livro, a descrição da liberação dos acorrentados de *Bicêtre* por Pinel¹¹, por exemplo, coloca o leitor diante da percepção moderna da loucura, em que esta (loucura) será aprisionada na estrutura objetivante da doença mental. Ali, o jogo criado entre a imagem da “libertação” dos loucos realizada por Pinel e o seu “apri-sionamento” na categoria objetivante da doença mental é também um exemplo da relação peculiar entre o incômodo das imagens e a inquietação do pensamento em Foucault.

O incômodo causado por estas imagens, e que se repete em relação a muitas outras — em textos como *História da loucura*, *O Nascimento da clínica* e *As palavras e as coisas* — conduz à inquietação de nosso pensamento, de modo particular, inquietação em relação aos domínios e formas de saber que falam sobre o homem, inquietação quanto às condições de aparecimento destes saberes, quanto ao seu modo de distribuição, quanto à sua pretensão de descrever o que somos.

Ao lado destas, muitas outras imagens criadas por Foucault incomodam, e por este incômodo conduzem a uma interrogação sobre os mecanismos e as estratégias de poder que atuam sobre os indivíduos e que os constituem. São imagens que incomodam porque revelam os diferentes modos de intervenção de poder que, ao lado das estratificações de saber, formam a rede de relações que constituem uma subjetividade normalizada.

Vale lembrar, por exemplo, as dezenas de imagens que compõem as análises de Foucault acerca do cruzamento dos discursos psiquiátricos e das práticas judiciais presentes nos cursos do *Collège de France* de 1971 a 1975.

Em *Os anormais*¹² (1975), os laudos psiquiátricos em matéria penal — e as imagens criadas em torno de sua narração — são o fundo sobre o qual Foucault procurará construir uma genealogia das noções de “normal” e “anormal” a partir das figuras do monstro humano, do onanista e do incorrigível. É assim com a narrativa dos casos da mulher de Sélestat, que mata a filha e come a coxa da menina cozida com repolho; com o caso de Henriette Cornier, mulher que corta a cabeça de um bebê, filha de sua vizinha, sem nenhuma explicação; assim também com a caracterização do casal monstruoso formado por Luis XVI e Maria Antonieta, expressões da figura do monstro político, marcada pelos temas do incesto e da antropofagia; do mesmo modo com a descrição do caso do soldado Bertrand, utilizado por Foucault para discutir o problema da interpretação dada pela psiquiatria do século XIX sobre a mecânica do instinto sexual em face de outros instintos; da mesma forma com a referência à figura de Ubu, que serve para caracterizar a expansão do que Foucault chama de “poder psiquiátrico”.

Outras imagens incômodas, que também conduzem uma interrogação acerca dos mecanismos de poder, aparecem nos escritos dos anos 70. Em *Vigiar e punir*¹³, por exemplo, como não considerar a descrição do suplício de Damiens, narração do ritual punitivo que em oposição à descrição dos mecanismos disciplinares constitutivos de uma anátomo-política dos corpos — cuja expressão mais evidente aparece na descrição dos dispositivos panópticos — serve para denotar as diferenças essenciais entre a forma poder soberano e os mecanismos do poder normalizador?

Nesta mesma direção, estão as inúmeras apropriações literárias, como por exemplo, a do texto *As jóias indiscretas*, de Diderot, que em *A Vontade de saber*¹⁴ ilustra a injunção no Ocidente moderno de “tudo se falar” acerca do sexo. Estão também as descrições de espaços e ambientes, como aquela da sala de julgamento do Imperador Romano Sétimo Severo, realizada por Foucault no curso de 1980 (*Du gouvernement des vivants*), para apresentar a implicação entre os elementos poder/direito/verdade, implicação que seria definida naquele momento como fundamental para a compreensão de grande parte de seus escritos.

São todas imagens que, num certo sentido, incomodam. Isto pela estranheza ou desconforto que causam, pela força ou gravidade das situações a que remetem, ou ainda pela sutileza e simplicidade com que expressam idéias muitas vezes difíceis de se conceituar. Por vezes são imagens que suscitam mais diretamente interrogações acerca dos saberes que nos definem, por vezes são interrogações acerca dos mecanismos e dos modos de intervenção de poder que nos constituem.

Mas há também, em Foucault, imagens que conduzem a um tipo de interrogação um pouco diferente das

anteriores. Elas se referem, por sua vez, a formas de constituição de si apoiadas em práticas que, de algum modo, permitem o exercício da liberdade. Neste novo domínio de preocupações, a que se convencionou chamar de “domínio da ética”, as figuras também são numerosas em textos como *O Uso dos prazeres* e *O Cuidado de si*, bem como nos últimos anos de cursos do *Collège de France*. Assim, no curso de 1982, intitulado *A Hermenêutica do sujeito*¹⁵, por exemplo, aparecem imagens como a da “metáfora da navegação”, trazida por Foucault a fim de ilustrar uma categoria discutida naquele momento do curso, a categoria do “retorno a si” ou da “conversão a si”¹⁶ que, segundo suas análises, teriam fornecido um novo conteúdo, no pensamento helenístico, ao velho imperativo “cuidar de si mesmo”. Assim como a navegação, o movimento do “retorno a si” comportaria, portanto, a idéia de um trajeto, de um deslocamento efetivo de um ponto a outro; comportaria a idéia de um deslocamento marcado por um objetivo, uma meta, um alvo; comportaria ainda a idéia de um retorno a um lugar de partida; bem como a idéia de uma trajetória repleta de riscos e de perigos; comportaria também a idéia de que esta trajetória, para ser concluída, implica um saber, uma técnica, uma arte.

Estas rápidas referências a algumas das imagens que compõem os escritos de Foucault têm apenas a intenção de ilustrar a hipótese de que a filosofia como problematização, neste filósofo, constrói-se, em grande medida, apoiada na relação entre o incômodo das imagens presentes em seus escritos e a inquietação do pensamento que provocam, de tal forma que o primeiro destes elementos — o incômodo das imagens — não se esgota no que poderia ser entendido como a mera “forma” do seu pensamento, nem o segundo — a inquietação do pensamento — seria, por assim dizer, o seu “conteúdo”.

Em Foucault, ao contrário, incômodo das imagens e inquietação do pensamento são, a um só tempo, “forma” e “conteúdo” de uma filosofia que pretende ser uma atitude contínua de problematização.

Por meio deste jogo entre incômodo das imagens e inquietação do pensamento somos confrontados a uma filosofia que pode ser dita “uma empresa de problematização”. Esta é a expressão utilizada por Foucault, numa entrevista de 1984¹⁷, para definir o programa do GIP (Grupo de Informação sobre as Prisões). Nesta entrevista, seu interlocutor pergunta por que as questões que aquele movimento havia colocado não tinham sido retomadas da mesma forma mais tarde, em relação a outros domínios de experiência da vida social. Foucault responde a esta questão afirmando que o GIP havia sido “uma empresa de problematização”, (...) “um esforço para tornar problemáticas e para se duvidar das evidências, das práticas, das regras, das instituições e dos hábitos que tinham se sedimentado há muitas décadas; e isso a propósito da prisão, mas, através dela, a propósito também da justiça penal, da lei e, mais genericamente, da punição”¹⁸. Neste sentido, pode-se compreender a experiência do GIP como uma espécie de “ação incômoda”, uma vez que seu esforço se constituiu em tornar duvidosos e problemáticos os hábitos, as evidências, as práticas, as regras sedimentadas.

Em Foucault, é possível então falarmos em imagens incômodas, que de algum modo provocam pensamentos inquietos e que, por sua vez, são capazes de produzir ações incômodas. E através desta idéia, talvez possamos compreender um pouco melhor o sentido de uma filosofia cujo conteúdo e forma reportam-se à problematização.

Notas

- ¹ M. Foucault. “Le souci de la vérité”, in *Dits et Écrits*, IV, Paris, Gallimard, 1994, pp. 668-678.
- ² M. Foucault. Idem, p. 670.
- ³ M. Foucault. “À propos de la généalogie de l'éthique: un aperçu du travail en cours”, in *Dits et Écrits*, IV, op. cit., pp. 609-631.
- ⁴ Cf. M. Foucault. Idem, p. 612.
- ⁵ Cf. M. Foucault. “Polémique, politique et problématique”, in *Dits et Écrits*, IV, op. cit., pp. 591-598.
- ⁶ F. P. Adorno. *Le style du philosophe. Foucault et le dire-vrai*. Paris, Éditions Kimé, 1996.
- ⁷ Cf. P. Valéry. *Oeuvres complètes*, vol. I. Paris, Gallimard, 1960, apud F. P. Adorno. *Le style du philosophe*, op. cit., p. 13.
- ⁸ Cf. M. de Certeau. *L'invention du quotidien*, Paris, Gallimard, 1990, apud F. P. Adorno. *Le style du philosophe*, op. cit., p. 16.
- ⁹ Cf. M. de Certeau. *L'invention du quotidien*, apud F. P. Adorno. Idem, p. 16.
- ¹⁰ M. Foucault. *História da loucura na Idade Clássica*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1987. 2ª ed., pp. 9s.
- ¹¹ M. Foucault. Idem, pp. 463s.
- ¹² M. Foucault. *Os Anormais. Curso no Collège de France (1974-1975)*. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo, Martins Fontes, 2001.
- ¹³ M. Foucault. *Vigiar e punir*. Tradução de Ligia M. P. Vassallo. Petrópolis, Vozes, 1999, 21ª edição.
- ¹⁴ M. Foucault. *A Vontade de saber*. Trad. de Maria Theresa C. Albuquerque e J. A. G. de Albuquerque. Rio de Janeiro, Graal, 1997, 12ª ed., pp. 75s.
- ¹⁵ M. Foucault. *A Hermenêutica do sujeito. Curso no Collège de France (1982)*. Trad. de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo, Martins Fontes, 2004.
- ¹⁶ M. Foucault. Idem, pp. 302-303.
- ¹⁷ M. Foucault. “Interview de Michel Foucault”, in *Dits et Écrits*, IV, op. cit., pp. 688-696.
- ¹⁸ M. Foucault. Idem, pp. 688-689.

RESUMO

Os recursos utilizados por Michel Foucault em seus trabalhos (livros, conferências, cursos, etc) para sugerir os temas que quer abordar são inúmeros. Dentre eles, a construção de imagens através de descrições, narrativas e análises ocupa um lugar importante. Quer no início quer no decurso de muitos de seus textos, tais imagens não apenas ilustram as idéias tratadas, mas se integram em uma rede discursiva que terá o efeito de prender o leitor em sua trama. Pensar no sentido de algumas dessas imagens incômodas, bem como refletir sobre sua relação com a inquietação de nosso pensamento é o objeto do artigo.

Palavras-chave: Michel Foucault, imagens, inquietação.

ABSTRACT

There are several resources used by Michel Foucault in his works (books, conferences, lessons, etc) to suggest the subjects of his approaches. Among them, the construction of images through descriptions, narratives and analyses plays an important role. Either in the beginning or in the extent of many of his texts, such images not only illustrate his ideas, but also integrate a discursive network, which intends to capture the reader in its tissue. The aim of this article is to discuss the meaning of some of these images and their relation with the inquietude of our thought.

Keywords: Michel Foucault, images, unrest.